

Esta Amadora de Outros Tempos

Por Alves Silva

FALANDO DE DELFIM GUIMARÃES

Artista ilustre, poeta, dramaturgo, romancista, Delfim de Brito Monteiro Guimarães ou Delfim Guimarães na literatura, nasceu no Porto em 4 de Agosto de 1872, estreando-se nas letras em 1893 com o livro "Alma Dorida", (Poemas em prosa).

De então para cá (estávamos em 1919), ascendendo sempre, a sua vida literária tem sido de um grande e proveitoso labor. Quer em poesia, onde tem os livros "Lisboa Negra", "Confidências", "Evangelho", "Não! Mil vezes não!", "Sim!, Mil vezes sim!", "Sonho Garretiano", "Outonais", "A Alma Portuguesa" e o "Livro de Bebê", quer em prosa, em que escreveu a "Alma Dorida" e o "Rosquedo", quer na crítica onde se notabilizou com a "Viagem por terra" do sr. João Penha; quer no teatro, para onde deu o "Juramento sagrado", que foi representado no Teatro D. Maria e a "Aldeia na corte" feita com D. João da Câmara, que subiu à cena no Teatro D. Amélia, sempre Delfim Guimarães é perfeito, cintilante, modelar. Tem com a técnica o sentimento, com o poder da expressão, a intensidade emocional.

É um bibliófilo distinto e na sua casa da Amadora são vulgares os bons livros. A sua livraria é notável pela selecção e pelo que especialmente de história e clássicos contém.

E não é ela um museu do livro, onde apertadamente em vitrines os volumes sagrados, porque ninguém lhes toca, se mumifiquem. Não. A sua livraria é um precioso instrumento de trabalho, campo extenso que ele ara e fertilizante nos dá os excelentes frutos dos seus livros de investigação.

Assim ele traduziu Baudelaire, e publicou numa edição popular Bernardim Ribeiro e Sã de Miranda. Assim ele pôs em foco, agitando a literatura nacional, o problema Cristovão Falcão. Os seus livros Bernardim Ribeiro (o Poeta Crisfal) e Teófilo Braga e a Lenda do Crisfal são notáveis, um como aspecto bizarro, singular e investigador, o outro de justa e dura crítica.

Delfim Guimarães usa nos livros um ex-libris, ...de que fez zincogravura para dois tamanhos. É o ex-libris de um apaixonado pela arte, pelos livros e de um enamorado pela terra portuguesa. Estudioso, honesto, artista com esta trilogia de virtudes, Delfim Guimarães nos tem dado trabalhos excelentes. Excelente trabalho nos dará ainda e, se publicar, como pensa, o catálogo da sua livraria, o leitor verá que, com amor dos seus e dos livros que faz, ele soube reunir em cenáculo, em edições estimadíssimas, o que de melhor e mais invejável deve ter-se e merece a pena que se leia.

Nota:

Este escrito é de Albino Forjaz de Sampaio, publicado na revista Ex-Libris portuguesas, cedido amavelmente pelo escritor Fonseca Gaspar a quem agradecemos.

Nesta altura (1919) ainda Delfim Guimarães era vivo e a sua obra continuou, cujo catálogo do seu acervo já foi publicado nestas páginas da autoria do próprio Albino Forjaz Sampaio.

Delfim Guimarães tem na Amadora um parque a quem foi dado o seu nome, com um busto do



próprio escritor (Parque de Delfim Guimarães) bem no coração da cidade amadorenses, no primeiro espaço verde aqui existente (1937) e hoje um dos cartões de visita da localidade, geminado à estação dos caminhos de ferro, do lado esquerdo para quem circula vindo de Lisboa no comboio.

Nas duas cidades vizinhas, Amadora e Lisboa, Delfim Guimarães faz parte das respectivas toponímias, numa (Amadora) por ter vivido largos anos com a família (26 anos) e onde viria a falecer. Em Lisboa, por ter exercido a profissão de livreiro.

Sobre Delfim Guimarães escreveu, entre outros, Afonso Lopes Vieira:

"... Delfim Guimarães amou e honrou as nossas letras. Foi erudito e poeta. Manteve sempre a dignidade de verdadeiro letrado e de homem de bem. Títulos assaz raros, e que justificam plenamente o carinho e a consideração que a sua memória merece aos seus amigos. Se não pertenci ao número destes, por não termos tido relações pessoais, incluo-me todavia entre os que prestam homenagem à sua memória, honrando-me de cumprir um dever espiritual". Estas palavras foram escritas em 1934, logo a seguir ao falecimento de Delfim Guimarães e que Galino Marques reproduz no seu "In Memoriam".

Delfim Guimarães faleceu em 1933 e os seus restos mortais repousam no cemitério de Benfica, os quais, no nosso ponto de vista, deveriam ser trasladados para o cemitério da Amadora, esta uma outra homenagem, desde que, naturalmente, com a anuência da família.